

Matemática abstrata versus Matemática pragmática

QUAL A MELHOR FORMA DE APRENDIZADO?

Heraldo Cañizo*

O ensino no mundo atual tomou um posicionamento de relacionar os seus alvos (os alunos) de acordo com uma média fundamentalmente estabelecida através da faixa etária. Assim, observa-se que numa mesma sala de aula são encontradas pessoas com as mais diversas prioridades, aptidões, personalidades, valores e capacidades, colocadas num mesmo ambiente, pelo julgamento do conhecimento que se acha necessário obter a uma certa altura da vida (*a bem do mesmo, dentro da sociedade, e desta própria*).

Ao se deparar com esse universo de amplo espectro, torna-se fundamental analisar a fundo, as metodologias didáticas utilizadas, a fim de se alcançar a maior profundidade educacional possível.

Ensinar é uma ação complexa que depende, em grande parte, das personalidades envolvidas e dos recursos disponíveis; não existe método preestabelecido de ensino que seja indiscutivelmente o melhor. A eficácia dos métodos deve ser relacionada, quase que individualmente com quem os aplica e com quem os recebe.

Destacadamente, no campo do ensino matemático, sempre houveram dentre as mais importantes vertentes, duas de maior enfoque entre os pensadores: a *matemática pragmática* e a *matemática abstrata*. A matemática pragmática é aquela que supõe que um aluno só se sentirá atraído pela matemática quando ver praticidade naquilo que está fazendo, quando aquilo no qual trabalha na sala de aula tem relação com seu mundo cotidiano, ao sentir objetividade no que calcula, e não simplesmente se deparando com demonstrações, por vezes cansativas, repletas de símbolos e de linguagens inerentes apenas ao mundo matemático. Defende o intuitivo sobre o formal-científico. A matemática abstrata (*deve-se colocar antes, que o termo abstrato é usado para descrever o processo de ensino da matemática e não a matemática em si*) é aquela em que mesmo sendo utilizados os

problemas práticos, não há predominância dos mesmos em relação ao rigor das demonstrações e conceitos matemáticos, pois, julgam os defensores, que as demonstrações e os conceitos, da forma “verdadeira” como são colocados, são o resultado do depuramento dos questionamentos e das dúvidas, avaliados ao longo dos anos. Defendem, ainda, o fato de que se uma pessoa resolve um problema de matemática, mesmo sem saber seu objetivo, estaria se exercitando mentalmente e desenvolvendo seu raciocínio lógico, aumentando, assim, o universo intelectual que poderá mais tarde ser usado em vários ramos do conhecimento, até mesmo na resolução de problemas práticos.

Nesse sentido, se faz necessário levantar questionamentos e, por conseguinte, chegar a resultados sobre uma melhor maneira de desenvolver o ensino da matemática nas séries do 1º e 2º graus (basicamente), que é onde se observa a maior área de associação, criada pelo aluno, entre professor e disciplina, através de uma discussão sobre as duas linhas de pensamento. É bom que se enfatize, que o fundamental a se propor, seja a discussão sobre os métodos e que em seguida o professor munido de um relevante cabedal de informações, tenha a liberdade de escolha, pois, como foi citado anteriormente, as características dos agentes de ensino e aprendizagem não podem ser descartadas e, além do mais, as duas vertentes buscam, ainda que por caminhos diferentes, atingir o mesmo objetivo.

A relevância em se discutir estas duas linhas de pensamento tem como objetivo preliminar levar ao conhecimento do professor as duas vertentes e posteriormente, abrir uma página de questionamento dentro das próprias informações que o professor possui em cada linha, haja vista que muitas vezes um conceito pragmático é tornado abstrato ou vice-versa, por absoluto desconhecimento de origem. Levar ao professor o fato de que,

* Aluno do 3º ano de Matemática/UEPA

por exemplo, um número negativo, um número complexo ou um determinante, dentre outros, não são conceitos meramente abstratos, muito menos elucubrações de matemática por matemática e que, em contra partida, também, por exemplo, a geometria pode ter uma visão lúdico-científica abstrata interessantíssima, a despeito de seu caráter mais objetivo.

É evidente que analisando um conjunto de características complexas, o professor poderá buscar, inclusive, uma junção das duas correntes. O fundamental é que não seja privado dessas informações, que tome ciência e realmente reflita sobre suas possibilidades para que possa, então, com maior segurança zelar pelo engrandecimento de sua função. A carência de informações se constitui na principal barreira didática do mundo da educação.

Bibliografia

Revista do Professor de Matemática SBM nº 14
(?)